

O Congresso da Mont Pélerin Society  
de 1947 e a consolidação de uma rede  
liberal no pós guerra: aspectos da  
crítica ao discurso universitário

*The 1947's Mont Pélerin Society Congress  
and the consolidation of a liberal network  
in the post-war era: aspects of criticism of  
university discourse*

<https://doi.org/10.26512/rhh.v12i24.53055>

**Alexandra Dias Ferraz Tedesco**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

<https://orcid.org/0000-0001-7840-5014>

[alexandra.tedesco@gmail.com](mailto:alexandra.tedesco@gmail.com)

**Lucas Couto**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

<https://orcid.org/0009-0003-6832-4941>

**Arthur Bernardo Teixeira**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

<https://orcid.org/0009-0006-7427-7944>

## Resumo

O presente artigo se propõe a analisar algumas das dinâmicas intelectuais do campo liberal no pós-guerra que, em nossa hipótese, contribuíram para que certas concepções de universidade circulassem em conjunto com o corolário de visões políticas e econômicas posteriormente classificadas como neoliberais. Nossa hipótese é de que é possível localizar, ainda no contexto de debate inicial das teses de autores como Mises e Hayek, uma disposição anti-institucional que se converte, a partir do exemplo da Mont Pèlerin Society, em 1947, no paradigma através do qual esses ideólogos elaborarão sua crítica à universidade dos anos 1950 e 1960, processo de crítica que é paralelo à sua própria canonização acadêmica. Para tanto, partimos de uma análise prosopográfica do Congresso de 1947, no intuito de elaborar um panorama, ou biografia coletiva, desses personagens. Em um segundo momento, analisamos quatro obras pontuais que, de dentro do campo liberal, propõe e põe em debate uma visão crítica da universidade e dos intelectuais de maneira ampla. Finalmente, conectamos essas reflexões com um debate mais amplo sobre o problema do anti-intelectualismo no pós-guerra e suas vinculações com o estatuto contemporâneo do debate sobre a universidade e seus críticos.

## Palavras-chave

História Contemporânea; Neoliberalismo; Mont Pèlerin Society; Guerra Fria; Antiintelectualismo

## Abstract

This article aims to analyze some of the intellectual dynamics of the liberal field in the post-war era that, in our hypothesis, contributed to the fact that certain conceptions of universities circulating together with the corollary of political and economic views later classified as neo-liberal. Our hypothesis is that it is possible to locate, even in the context of the initial debate of the theses of authors such as Mises and Hayek, an anti-institutional disposition that becomes, based on the example of the Mont Pèlerin Society, in 1947, the paradigm through which these ideologues will elaborate their critique of the university of the 1950s and 1960s, critique that occurs at the same time in which they get its own academic canonization. Our first step is a prosopographic analysis of the 1947 congress, with the aim of creating a panorama, or collective biography, of these characters. Secondly, we analyze four specific works that, from within the liberal field, propose and debate a critical view of the university and intellectuals in a broad sense. Finally, we connect these reflections with a broader debate on the problem of post-war anti-intellectualism and its links with the contemporary status of the debate on the university and its critics.

## Keywords

Contemporary History; Neoliberalism; Mont Pèlerin Society; Cold War; Antiintelectualism

Uma série de congressos acadêmicos marcou os anos imediatamente posteriores à segunda guerra. Especialmente na Europa, a organização desses eventos fazia parte do esforço de reconstrução social e cultural daqueles anos. Além disso, essas reuniões proporcionavam uma série de reflexões e debates sobre o sentido dos acontecimentos das últimas décadas, e muitos deles terminaram produzindo compromissos e alianças políticas em torno dos perigos do totalitarismo. É nesse contexto que dois eventos intelectuais – o *Congress for Cultural Freedom*<sup>1</sup> e a reunião da *Mont Pèlerin Society*, em Genebra, na Suíça – podem ser compreendidos como parte de um movimento mais amplo. Em comum entre eles, e em oposição a vários de seus congêneres, o fato de que esses dois eventos procuravam reunir e dar corpo a um ainda disperso – por divisões políticas e teóricas – campo liberal, refratário não apenas aos coletivismos da época como, na mesma medida, à ideia de universidade organizada a partir de engajamentos políticos interpretados, por aqueles observadores, como necessariamente vinculados à uma posição à esquerda<sup>2</sup>. Tendo como ponto de partida esse contexto de mudanças institucionais e ideológicas, este artigo se propõe a analisar, a partir de uma biografia coletiva e da análise de algumas obras fundadoras do chamado “neoliberalismo”, os caminhos através dos quais o projeto intelectual delineado na reunião da *Mont Pèlerin Society*, em 1947, tornou-se paulatinamente hegemônico<sup>3</sup>. Mais especificamente, propomos que esse espraiamento não se dá apenas em termos de circulação de discursos, mas também de um modelo institucional e de uma atitude intelectual (ou um conjunto de *virtudes epistêmicas* específico, conforme os termos de Herman Paul<sup>4</sup>, que contribuem para a consolidação da crítica à universidade que marca as décadas de 1960 e 1970.

O tema do neoliberalismo tem sido bastante frequentado, por diferentes aportes disciplinares, nas últimas décadas. O debate, efetivamente, é tão múltiplo quanto controverso. A tradição analítica que se inicia com Michel Foucault e seu famoso curso no *Collège de France* (As origens da biopolítica),

---

1 Sobre o *Congress For Cultural Freedom* é possível consultar: COLEMAN, P. *The liberal conspiracy: the Congress for Cultural Freedom and the struggle for the mind of postwar Europe*. The Free Press, 1989.

2 GROSS, Neil. *Why Are Professors Liberal and Why Do Conservatives Care?* by the President and Fellows of Harvard College, 2013.

3 O encontro, organizado pelo economista Friedrich Hayek em parceria com Credit Suisse, contou também com o apoio de nomes como os de Albert Hunold, financiador individual do evento, e o de Ronald Hartwell, historiador “oficial” do movimento.

4 PAUL, H. *What Is a Scholarly Person? Ten Theses on Virtues, Skills, and Desires*. *History and Theory* 53 (October 2014), 348-371.

chama a atenção para os aspectos extra-econômicos do neoliberalismo, como o controle da vida sexual e das instituições. A senda aberta por Foucault se enriqueceu, nos últimos anos, com abordagens como as de Boltanski e Chiapello<sup>5</sup>, Pierre Dardot e Christian Laval<sup>6</sup> e, numa aproximação neomarxista, Philip Mirowski<sup>7</sup> e Wendy Brown<sup>8</sup>. Há, ainda, um esforço relevante por parte dos herdeiros dos debates fundacionais do neoliberalismo, dentre os quais o mais relevante levado a cabo por Serge Audier<sup>9</sup>, em questionar o próprio objeto conceitual da análise - o conceito de neoliberalismo - apontando para sua instabilidade e, portanto, uma suposta artificialidade do debate em torno de seus efeitos. Embora, nesse sentido, este artigo esteja amparado por uma ampla bibliografia dedicada ao tema, a intenção não é recensear o debate e, tampouco, oferecer um balanço crítico de suas fortunas teóricas. Nos apoiamos nessas discussões para pensar uma questão específica, a saber: como, em paralelo à crítica ao Estado como agente econômico, se desenvolve também uma crítica ao modelo de intelectual que tem sua trajetória ligada ao Estado, notadamente os professores universitários. A estrutura burocrática dessa carreira foi associada, se nossa hipótese estiver correta, à perniciosidade da ação estatal em outros âmbitos, como a economia, afinando a proposta, central para o neoliberalismo, de que as questões morais ou éticas de uma profissão de fé são, também elas, de fundo econômico. O componente anti-institucionalista e, em certa medida, anti-intelectualista, desses primeiros debates neoliberais é, em suma, o objeto deste artigo.

Tendo em mente essas questões, a hipótese inicial que orienta este artigo é que esses eventos, mais do que estimular uma homogeneidade em torno das definições teóricas do então nascente “neoliberalismo”, ajudaram a consolidar uma rede institucional para-universitária, algo que nas décadas seguintes seria considerado um *think tank*<sup>10</sup>, que propunha não apenas um novo modelo econômico (o fim do chamado estado de bem estar) como também um novo

---

5 BOLTANSKI, L. CHIAPELLO, E. *The new spirit of capitalism*. London: Verso, 2005

6 DARDOT, P. LAVAL, C. *A nova razão do mundo*. São Paulo: Boitempo, 2016

7 MIROWSKI, P. PLEHWE, D. *The road from Mont Pèlerin: The making of the neoliberal thought collective*. Harvard University Press, 2009.

8 BROWN, W. *In the Ruins of Neoliberalism*. WELLEK LIBRARY LECTURES, 2018.

9 AUDIER, Serge. *Néo-libéralisme(s). Une archéologie intellectuelle* », Lectures [En ligne], Les comptes rendus, mis en ligne le 25 juin 2012.

10 SMITH, A. *The idea brokers. Think tanks and the rise of the new policy elite*. New York. Free Press, 1991; ONOFRE, G. *O papel dos intelectuais e Think Tanks na propagação do liberalismo econômico na segunda metade do século XX*. Programa de Pós Graduação em História da UFF. Niterói, 2018).

tipo de instituição acadêmica e um correspondente modelo de intelectual que se adequasse às suas premissas de crítica ao Estado e à burocracia. Esse tipo de observação supõe que é preciso, na história intelectual, analisar também as práticas. Afinal, como nos lembra Raymond Williams<sup>11</sup> em sua análise do grupo *Bloomsbury*, nem sempre o que dá coesão a um grupo são claras petições de princípio: muitas vezes é na dimensão das práticas, da formação de um ethos, que essa unidade pode ser historicamente percebida. Aliamos a esse princípio um debate sobre a contingência histórica de determinadas constelações de “virtudes epistêmicas”, no sentido em que conceitua Herman Paul<sup>12</sup>, que ajudam a compreender que os debates teóricos muitas vezes envolvem disputas sobre quais atitudes intelectuais são socialmente associadas a determinadas posições. Vamos observar, por exemplo, que o debate travado na reunião da *Mont Pèlerin Society* em 1947 transcende a postulação de máximas econômicas, e envolve também a prescrição de valores intelectuais específicos (o apoliticismo manifesto, a interdisciplinaridade, as formações heterodoxas que se aproximam do mercado e se distanciam do modelo escolástico tradicional e, sobretudo, a associação do ethos do economista com o do cientista natural, supostamente imaculado pelas tensões prosaicas do mundo universitário).

Entender essa composição e sua posterior imposição e naturalização é importante para compreender como uma aposta teórica feita no interior da Suíça se torna, décadas depois, como o ar que se respira em países tão distantes quanto a Inglaterra, o Chile, o Brasil e a Austrália. Nossa hipótese é de que foi justamente a penetração lenta, mas decisiva, de participantes da *Mont Pèlerin Society* nas universidades, empresas e conglomerados de mídia o que permitiu, anos depois, a consagração *a posteriori* desta escola de pensamento. A era Thatcher-Reagan, por assim dizer, formalizou a representação da *Mont Pèlerin* e do neoliberalismo ali discutido como uma “escola de pensamento”, mas essa representação não foi construída simplesmente no plano da coesão teórica: ela se rastreia na materialidade da circulação de personagens e redes formadas ao longo de ao menos quatro décadas. Essa aposta analítica nos permite distância de uma concepção teleológica, aventada por Audier (2012), que supõe uma espécie de causalidade retroativa que conecta a

---

11 WILLIAMS, R. A fração Bloomsbury. *Revista Plural. Sociologia, USP*, 6: 139-168, 1 sem, 1999.

12 PAUL, H. *Performing History: How Historical Scholarship is Shaped by Epistemic Virtues*. *History and Theory* 50 (February 2011), 1-19, 2011; PAUL, H. *What Is a Scholarly Persona? Ten Theses on Virtues, Skills, and Desires*. *History and Theory* 53 (October 2014), 348-371

implantação do consenso neoliberal nos anos 1980 às reuniões da MPS. Ao mesmo tempo, insistimos na historicidade desse movimento, entendido enquanto projeto concreto de disseminação feito por departamentos universitários, seus agentes e suas agendas de pesquisa. Se é verdade, ademais, que o termo “neoliberalismo” é bastante disputado e, por isso mesmo, polêmico, apostamos na reconstrução da história das próprias disputas, no sentido em que também propõem Mirowski (2017) e Brown (2018): sem defini-lo de antemão, pretendemos investigar suas condições históricas de circulação, pois é através delas que o pensamento toma a forma de projeto político e intelectual. Partimos do pressuposto, enfim, de que reconhecer a dimensão de projeto, de esforço, é um modo de conferir historicidade a um debate que, eventualmente, pretende se impor como natural, ou como diria Bourdieu (1998), como um discurso que cria as condições para sua própria naturalização. Na síntese de Mirowski,

O Coletivo de Pensadores Neoliberais foi estruturado de forma muito diferente dos demais “colégios invisíveis” que buscavam provocar uma mudança na mentalidade do público na segunda metade do século XX. Ao contrário da maioria dos intelectuais da década de 1950, os primeiros protagonistas do SMP não consideravam as universidades, nem as “profissões” acadêmicas, nem as mobilizações de grupos de interesse como instrumentos básicos adequados para alcançar os seus objetivos. Essas entidades permaneceram sujeitas ao Estado, na perspectiva neoliberal.<sup>13</sup>

Tendo em vista essa complexidade, abordaremos o problema a partir de três observatórios distintos.

Inicialmente, recuperamos o cenário intelectual no qual emerge o evento fundador desse debate: o encontro da MPS em 1947. Recuperando os antecedentes do Colóquio Walter Lippmann, ainda em 1938, buscamos identificar as linhas de convergência e as estabilidades que conectam ambos os eventos, apresentando a MPS como um ponto inaugural, e localizando as tendências de seus principais debatedores. Em seguida, apresentaremos os dados de

---

13 MIROWSKI, P.. Nunca dejes que una crisis te gane la partida. Barcelona: Ediciones Deusto, 2014; As traduções são nossas a partir de agora, com os originais em nota de rodapé: El Colectivo de Pensadores Neoliberales se estructuró de forma muy diferente a los demás «colegas invisibles» que pretendían provocar un cambio en la mentalidad de la gente en la segunda mitad del siglo XX. A diferencia de la mayoría de intelectuales de la década de 1950, los primeros protagonistas de la SMP no consideraban las universidades, ni las «profesiones» académicas, ni las movilizaciones de grupos de intereses como instrumentos básicos apropiados para alcanzar sus objetivos. Esas entidades se mantenían sometidas al Estado, desde la perspectiva neoliberal (2017, p. 54)

uma prosopografia realizada com os participantes do encontro de 1947: quem são, em quais universidades estudaram, sua profissão de origem e, sobretudo, sua trajetória posterior ao evento. Nosso objetivo é, a partir desse perfil, compreender tendencialmente o caráter híbrido desses intelectuais (nem todos eles eram professores universitários) e o impacto que a participação nessa rede teve em sua inserção posterior, tanto no mundo intelectual quanto nos negócios. Consideramos um universo de 39 participantes, alguns deles efetivamente presentes e outros signatários apenas (resolvemos tratar de ambas as categorias porque consideramos que o que é relevante é o sinal de pertencimento, a atestação pública de vínculos). Os dados foram recolhidos de distintos repositórios, a maior parte deles vinculados à própria Mont Pèlerin Society, que mantém um acervo online de seus principais membros. As dificuldades encontradas em alguns casos, sobretudo com participantes menos proeminentes, pretendem ser contrapostas, em um segundo momento da análise, à uma leitura qualitativa de algumas obras pontuais. Consideramos que essa abordagem nos permite acessar uma dimensão contraditória e fundamental do projeto da Mont Pèlerin Society: sua crítica ao establishment acadêmico é feita também a partir da universidade, de modo que seu discurso “anti-institucionalizador” é, também, uma disputa interna ao campo acadêmico. Buscamos acessar, assim, a cumplicidade entre os sistemas de ensino e os habitus de seus portadores, atentando-nos à dimensão das práticas.

Finalmente, em conclusão, buscamos recuperar alguns elementos que nos permitam elucidar a hipótese de que a construção de uma rede de intelectuais, políticos e jornalistas advindos dos laços firmados na Mont Pèlerin Society foram fundamentais para o sucesso posterior do projeto neoliberal e, sobretudo, de seu traço mais delicado: a capacidade de se apresentar como um desenvolvimento natural, lógico, do próprio pensamento liberal. Essa naturalização, pressuposto teórico da ontologia naturalista do próprio neoliberalismo, não foi construída apenas nas teses mas, se nossa hipótese estiver correta, foi gestada pacientemente através de uma sólida política de alianças, recrutamentos universitários e empresariais e vínculos pessoais.

## 1947

Para compreendermos o papel da “Mont Pèlerin Society” (doravante MPS) no projeto neoliberal da metade do século XX - sua rede de atuação, características, processo de consagração, limites e problemas -, precisamos primeiro discutir o contexto de sua criação e seus antecedentes, especialmente

a assim chamada “crise do liberalismo”, analisada por Pierre Dardot e Christian Laval em “A Nova Razão do Mundo”, e o Colóquio Walter Lippmann, igualmente discutido pelos autores e também examinado na obra “The Road from Mont Pelerin”, organizada por Philip Mirowski e Dieter Plehwe.

A referida “crise do liberalismo”, que se estendeu desde fins do século XIX até a década de 1930, foi acelerada pela Primeira Guerra Mundial e atingiu seu ápice a partir da grande depressão de 1929.<sup>14</sup> E é nesse contexto conturbado, de crise e contestação do liberalismo e do próprio capitalismo<sup>15</sup>, que o Colóquio Walter Lippmann ocorreu. O colóquio aconteceu entre os dias 26 e 30 de agosto de 1938, organizado pelo filósofo, hoje esquecido, Louis Rougier, professor de filosofia em Besançon, adepto do positivismo lógico e membro do Círculo de Viena, e tinha como pretexto o lançamento do livro “An Inquiry into the Principles of the Good Society” de Walter Lippmann, um importante intelectual liberal do período, cujo nome batiza o evento.<sup>16</sup> Conforme Alexandra Tedesco, o Colóquio organizado por Rougier reuniu uma série de intelectuais identificados com o campo liberal, tais como Friedrich Hayek, Jacques Rueff, Raymond Aron, Wilhelm Röpke, Alexander Von Rüstow e outros, mas envolveu também uma importante disputa, resolvida apenas nos anos 1950, sobre as origens da “crise” e sobre suas diferentes possibilidades terapêuticas. Em seus termos, “no Colóquio de 1938, a proposta de Lippmann parecia encontrar na atividade prática de Rougier seu porta voz: o liberalismo construtor proposto pelo jornalista americano seria,

---

14 DARDOT, P. LAVAL, C. *A nova razão do mundo*. São Paulo: Boitempo, 2016 pp. 37-59)

15 Denord in: MIROWSKI, P. PLEHWE, D. *The road from Mont Pèlerin: The making of the neoliberal thought collective*. Harvard University Press, 2009, p. 110; DARDOT, P. LAVAL, C. *A nova razão do mundo*. São Paulo: Boitempo, 2016

16 O Colóquio Walter Lippmann foi tratado por diversos autores, e vêm sendo reabilitado como ponto de partida para uma discussão sobre os sistemas de consagração no universo liberal dos anos 1930 e 1940. Um exemplo dessa revisita pode ser encontrado no artigo recentemente publicado por Delulf e Simons (HOPOS, 2020), que debate o papel de Louis Rougier no contexto do positivismo de Viena e também na já consagrada análise de Denord, publicada na *Actes de la Recherche* em 2002. Para saber mais, ver: DEWULF, G. SIMONS, M. *Positivism in Action: The Case of Louis Rougier*. HOPOS: The Journal of the International Society for the History of Philosophy of Science. Volume 11, Number 2. 2020. e DENORD, F. *Le prophète, le pèlerin et le missionnaire. La circulation internationale du néolibéralisme et ses acteurs*. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*. 2002/5 (nº145), páginas 9 à 20. Ed. le Seuil.

conforme salientam Simons e Dewulf<sup>17</sup>, nada menos que uma aplicação prática do convencionalismo de Rougier<sup>18</sup>. No mesmo sentido, Dardot e Laval comentam que, embora essa tenha sido a “primeira tentativa de criação de uma ‘internacional’ neoliberal”, o “colóquio de 1938 revelou discordâncias que, desde o princípio, dividiram os intelectuais que reivindicavam para si o neoliberalismo”, discordâncias essas que prosseguiram após a Segunda Guerra Mundial, e que seriam “cada vez mais patentes”.<sup>19</sup>

Para o argumento desse artigo, enfim, é importante notar que, no evento de 1938, uma concordância difusa se consolida apesar de diferenças pragmáticas, possibilitando o amadurecimento de uma doxa específica em torno do tema da crise. Esse consenso no dissenso, para usar os termos de Pierre Bourdieu (1996, 2008), dava-se em torno da postulação de uma união contra o “intervencionismo de Estado” e à “escalada do coletivismo”. Vale mencionar, finalmente, que o evento se encerrou com a declaração de criação de um Centro Internacional de Estudos para a Renovação do Liberalismo, com sede no Museu Social em Paris, concebido como uma “sociedade intelectual internacional que deveria realizar sessões regulares”, sempre em países diferentes.<sup>20</sup>

Com o advento da Segunda Guerra Mundial, o grupo é desmobilizado. Ao fim do conflito, a ideia de retomar a criação de um grupo internacional de intelectuais para discutir e propagar os temas do neoliberalismo ressurge, e é nesse contexto que Friedrich Hayek, reunindo boa parte dos participantes do Colóquio Walter Lippmann de 1938, convoca uma reunião em 1947, na localidade de Mont Pèlerin, em Genebra, Suíça. A mudança de liderança, Hayek em vez de Rougier, implica um recrudescimento da aposta teórica do grupo, agora menos reformadora e mais próxima das concepções do liberalismo clássico. A conferência fundadora contava exclusivamente com intelectuais europeus e estadunidenses, sobretudo professores universitários e economistas. O “terceiro mundo”, neste momento, não estava presente na composição de seus membros e nos temas de suas conferências, apesar disso,

---

17 DEWULF, G. SIMONS, M. Positivism in Action: The Case of Louis Rougier. HOPOS: The Journal of the International Society for the History of Philosophy of Science Volume 11, Number 2. 2020.

18 TEDESCO, A. D. F. A filosofia da história entre a política e as virtudes epistêmicas: o caso de Louis Rougier. ÉTICA E FILOSOFIA POLÍTICA, v. 1, p. 29-50, 2023.

19 DARDOT, P. LAVAL, C. *A nova razão do mundo*. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 72).

20 DARDOT, P. LAVAL, C. *A nova razão do mundo*. São Paulo: Boitempo, 2016, p.72.

a MPS teve relevante presença no “mundo em desenvolvimento”, reunindo diversos aliados intelectuais e empresariais na América Latina, África e Ásia nas décadas seguintes<sup>21</sup>.

Doravante, a MPS tinha entre seus principais objetivos declarados a difusão dos ideais do neoliberalismo pelo mundo e o combate aos “coletivismos”, o que seria realizado, segundo suas declarações de princípio, sem o envolvimento direto do grupo com a política institucional. Os membros fundadores possuíam formações acadêmicas diversas, ou seja, era um grupo academicamente heterogêneo, multidisciplinar e com abordagens interdisciplinares. De acordo com Plehwe “a MPS seria uma instituição concebida para integrar diferentes conhecimentos especializados, dentro e além dos limites da filosofia, promovendo pesquisa acadêmica em economia, história, sociologia e áreas afins”.<sup>22</sup>

De acordo com Kim Phillips-Fein, a *Mont Pèlerin Society* diferia em aspectos importantes da *Foundation for Economic Education* (FEE) e da *American Enterprise Association* (AEA), que buscavam popularizar ideias econômicas de livre mercado e intervir em debates políticos. Em contraste a essas instituições homólogas, Friedrich Hayek declarava que queria criar uma organização apartada da política institucional, que servisse como um espaço de livre investigação intelectual, onde cientistas sociais e pensadores especializados dedicados à ideia do livre mercado pudessem se encontrar para discutir e refinar suas ideias<sup>23</sup>. Apesar do proclamado caráter “apolítico”, a MPS mantinha relações formais e informais com importantes *think tanks* (TTs) ao redor do mundo, que buscavam influenciar diretamente os “formuladores de política pública”, e seus próprios membros faziam parte de muitos desses TTs, como o “Congress for Cultural Freedom” (CFF) e a rede de TTs ligadas a Antony Fisher, fundador da “Atlas Network”. Essas ingerências da MPS e seus membros no Estado são emblemáticas nos casos da ditadura chilena de Augusto

---

21 Plehwe in: MIROWSKI, P. PLEHWE, D. *The road from Mont Pèlerin: The making of the neo-liberal thought collective*. Harvard University Press, 2009, p.238-242

22 Plehwe in: MIROWSKI, P. PLEHWE, D. *The road from Mont Pèlerin: The making of the neo-liberal thought collective*. Harvard University Press, 2009, p.5

23 Philipps-Fein in MIROWSKI, P. PLEHWE, D. *The road from Mont Pèlerin: The making of the neo-liberal thought collective*. Harvard University Press, 2009, p.282.

Pinochet, através dos “chicago boys”; do governo Ronald Reagan, sob influência de Milton Friedman; e também pelo governo Margaret Thatcher, este com participação direta de Hayek.<sup>24</sup>

Além desses aspectos, podemos destacar outras questões internas e características do grupo: por exemplo, havia a preocupação de que a sociedade se tornasse uma organização propagandística ou um “brinquedo para homens ricos”, preocupação essa refletida na composição do grupo, que contava com poucos empresários neste primeiro momento, como veremos mais à frente na prosopografia. Apesar disso, tanto os “homens de negócios” quanto intelectuais liberais da MPS entendiam sua utilidade um para o outro<sup>25</sup>. É importante destacar, de maneira sucinta, alguns pontos que nortearam as discussões e a produção intelectual da MPS, ainda que houvesse importantes nuances nas diferentes correntes que compunham o grupo. Para eles, o Estado deveria limitar-se à esfera jurídica e havia uma ligação intrínseca entre o livre mercado e a liberdade individual, uma vez que a liberdade econômica seria o próprio fundamento da liberdade individual e, ao mesmo tempo, o estado ótimo de produtividade social. Essa noção aparece, por exemplo, como um dos argumentos centrais do texto *Free Markets for Free Men*, de Milton Friedman, de 1974, e está igualmente presente em *O Caminho da Servidão* de Hayek, ainda em 1944. Outra questão importante, que também aparece em ambas as obras, é a aproximação entre intervencionismo de Estado e regimes totalitários. Para Hayek, o “intervencionismo”, que ele chama de “socialismo”, é a origem das experiências totalitárias da Europa no contexto da guerra. Em Friedman, o intervencionismo do Estado teria uma tendência de culminar em experiências totalitárias. E é através dessa lógica de causa e efeito, com o intervencionismo da economia culminando em “totalitarismo”, que esses intelectuais aproximam distintas e antagônicas correntes de esquerda, e até setores intervencionistas de direita, como os keynesianos, do nazifascismo.

Essas noções atravessam as principais questões discutidas pelos membros da MPS desde sua fundação: a politização da vida econômica; a natureza e o funcionamento da economia de mercado; os problemas das finanças públicas; a instabilidade monetária e a inflação; a política agrícola; sindicatos e

---

24 ONOFRE, G. *O papel dos intelectuais e Think Tanks na propagação do liberalismo econômico na segunda metade do século XX*. Programa de Pós Graduação em História da UFF. Niterói, 2018.

25 Phillips-Fein in MIROWSKI, P. PLEHWE, D. *The road from Mont Pèlerin: The making of the neoliberal thought collective*. Harvard University Press, 2009, p.282.

políticas salariais; produtividade capitalista e socialista; o estado de bem-estar e a seguridade social.<sup>26</sup> O único novo assunto relevante introduzido após 1947 seria a questão do “subdesenvolvimento”.<sup>27</sup>

Apesar de todos esses esforços em disseminar a ideologia e a influência neoliberal, que havia sendo desenvolvida desde o início dos anos 1950, o impacto desse empreendimento só foi notado em fins dos anos 1970, e só alcançou status privilegiado de conhecimento “autorizado” na década de 1980, sobretudo após as eleições de Margaret Thatcher e Ronald Reagan. Nesse momento do argumento, podemos nos perguntar, afinal, de que é feita uma “escola de pensamento”? Podemos imaginar que as nomenclaturas são sempre definidas a posteriori? Em que lugar dessa construção podemos posicionar as filiações autodeclaratórias? A hipótese deste artigo se baseia na ideia, tematizada por Williams<sup>28</sup>, de que os grupos intelectuais nem sempre se identificam por meio de adesões claras ou petições de princípio mas, geralmente, através de um senso comum, criado e recriado ao longo das práticas. Nesse sentido, propomos que identificar as linhas gerais dos sistemas de circulação de cargos e publicações pode nos ajudar a posicionar os membros da MPS no bojo de um processo mais amplo de circulação do projeto neoliberal no pós-Guerra.

## Análise prosopográfica: o retrato da *Mont Pèlerin Society* em 1947.

Buscando compreender as características coletivas dos membros fundadores da “Mont Pèlerin Society” em 1947, e refletir sobre as implicações dessas características no projeto neoliberal, realizamos um estudo prosopográfico dos mesmos. A escolha por essa abordagem metodológica refere-se ao pressuposto supracitado de que a formação de grupos, redes e conexões entre sujeitos que participaram de um mesmo projeto intelectual não pode ser apreciada unicamente a partir dos resultados de seus esforços, compreendidos a posteriori por uma leitura internalista de sua fortuna crítica. Ao contrário,

---

26 Plehwe in MIROWSKI, P. PLEHWE, D. *The road from Mont Pèlerin: The making of the neo-liberal thought collective*. Harvard University Press, 2009, 2009, p.238

27 Plehwe in MIROWSKI, P. PLEHWE, D. *The road from Mont Pèlerin... Op. Cit.*, p.238.

28 WILLIAMS, R. A fração Bloomsbury. *Revista Plural. Sociologia, USP*, 6: 139-168, 1 sem, 1999.

encontramos na análise prosopográfica<sup>29</sup> uma estratégia adequada para observar os movimentos de aproximação e afastamento que contam, em si mesmos, uma história das relações entre campo intelectual (com suas fronteiras instáveis em negociação constante) e campo político, bem como atestam para a existência de zonas híbridas entre esses dois universos, precisamente aquela a partir da qual se fortalece o projeto delineado na MPS. Sendo uma espécie de “biografia coletiva”, portanto, a prosopografia dos integrantes do encontro de 1947 nos permite traçar perfis coletivos que auxiliam na pesquisa historiográfica na medida em que permitem algumas ponderações em contraste com as fontes e a bibliografia canônica. Nesse sentido, realizamos a pesquisa prosopográfica de 39 participantes da MPS em 1947, cuja escolha dos dados coletados e analisados – a saber: nacionalidade; gênero; data de nascimento; formação acadêmica; atuação profissional – foi baseada na relevância dos mesmos para o entendimento das hipóteses, bem como pela disponibilidade das informações contidas em diversos repositórios acessíveis online sobre a MPS e/ou seus membros. A partir dessa análise, traçamos as seguintes considerações sobre os perfis coletivos desse pequeno grupo:

Só havia uma mulher, ou seja, era um grupo predominantemente masculino, representativo da exclusão feminina nos espaços intelectuais daquele contexto. Os membros fundadores tinham acima de 35 anos de idade no momento da reunião inaugural, o que significa que o grupo era constituído por pessoas com trajetória, formação intelectual e profissional relativamente consolidadas. Ao mesmo tempo, isso significa que a MPS, ao menos neste primeiro momento, não possuía a qualidade de uma instituição cooptadora e formadora de jovens. Todos eram europeus ou estadunidenses. O “terceiro mundo”, como salienta Plehwe, não estava presente neste momento.<sup>30</sup>

---

29 Cf. Stone: Lawrence Stone conceitua o método prosopográfico da seguinte forma: “[...] prosopografia é a investigação das características comuns de um grupo de atores na história por meio de um estudo coletivo de suas vidas. O método empregado constitui-se em estabelecer um universo a ser estudado e então investigar um conjunto de questões uniformes – a respeito de nascimento e morte, casamento e família, origens sociais e posição econômica herdada, lugar de residência, educação, tamanho e origem da riqueza pessoal, ocupação, religião, experiência em cargos e assim por diante. Os vários tipos de informações sobre os indivíduos no universo são então justapostos, combinados e examinados em busca de variáveis significativas. Eles são testados com o objetivo de encontrar tanto correlações internas quanto correlações com outras formas de comportamento ou ação” (STONE, L. Prosopografia. Rev. Sociol. Polit. 19 (39) • Jun 2011, p.115, 2011).

30 Plehwe in MIROWSKI, P. PLEHWE, D. *The road from Mont Pèlerin: The making of the neo-liberal thought collective*. Harvard University Press, 2009, p.238-242.

Dos 39 membros estudados, 30 eram de origem europeia. Todavia, apesar da dominância da Europa no quadro geral, os Estados Unidos era o país com maior número de representantes: 16 no total, sendo 7 deles de origem europeia, com dupla nacionalidade (possivelmente um reflexo da guerra). Ainda que considerássemos apenas os estadunidenses de origem (9), eles ainda estariam na frente do segundo maior representante da MPS, no caso, os britânicos, com 6 membros, seguido pelos alemães, com 4 membros, e então pelos franceses, suíços, austro-húngaros e austríacos, todos com 3 membros. A composição nacional dos membros da MPS refletia, portanto, a correlação de forças da economia e geopolítica do período.

Sobre a desconfiança de Hayek com o “oportunismo” e “pragmatismo” dos empresários, podemos argumentar que ela é corroborada pela composição dos membros da MPS em 1947: apenas 3 eram empresários. A vocação universitária do grupo é explícita: dos 39 membros estudados, 35 eram professores universitários. A atuação profissional mais numerosa da sociedade, após os professores universitários (35) e economistas (29), eram os jornalistas, com 7 membros (alguns também eram economistas e/ou professores universitários). O caráter supostamente “apartidário” da MPS também está presente: somente 3 membros tiveram carreira política. O grupo contava ainda com 3 filósofos, 2 historiadores, 1 físico e 1 jurista, alguns desses, também economistas. Nesse sentido, embora os membros da MPS possuíssem de fato uma formação diversa, o proclamado caráter “multidisciplinar” e “interdisciplinar” pode ser questionado na medida em que podemos constatar desproporcional predominância dos economistas (29).

Algumas das questões que emergiram dessa investigação se referem ao caráter interdisciplinar da Mont Pèlerin Society. A composição heterodoxa dos participantes, apesar de os economistas terem um peso quantitativamente relevante, pode ser pensada como algo mais que uma coincidência: se perspectivadas a partir do cenário universitário do pós guerra (crise do modelo europeu e hegemonia do modelo departamental americano), os dados de origem disciplinar nos ajudam a observar um fenômeno que mais poderia ser descrito como “extra-disciplinar”: é justamente o contato entre acadêmicos e empresários o que distingue a iniciativa da Mont Pèlerin Society, e é dessa aliança que o projeto retiraria sua força mobilizadora nas décadas seguintes. Conforme Mirowski e Plehwe, nesse sentido,

A Sociedade Mont Pèlerin e as redes relacionadas de think tanks partidários do neoliberalismo puderam servir como um diretório do neoliberalismo organizado porque faziam parte de uma estrutura bastante nova de discurso

intelectual. Ele foi concebido para promover e integrar vários tipos de conhecimento especializado dentro e através das fronteiras da filosofia, da investigação académica em economia, da história, da sociologia e do conhecimento político aplicado nas suas diversas formas.<sup>31</sup>

O encontro entre a tradição académica liberal e dinâmicas privadas passa, como pudemos observar a partir das leituras mais específicas de quatro das obras centrais desse projeto (Mises, Hayek, Popper e Friedman), pela concepção de que a educação é parte de uma dinâmica espontânea de melhoramento individual. Nesse sentido, as instituições universitárias aparecem como fatores de exterioridades que atuam, no mais das vezes, como empecilhos para esse processo feito “de dentro para fora”. Mais ou menos como a artificialidade do intervencionismo estatal feriria de morte a “auto-regulação” da economia, a artificialidade do discurso professoral atuaria de modo a impedir o pleno desenvolvimento das potencialidades dos indivíduos. Tal dimensão é bastante presente, como pudemos observar, na obra de Friedman. Sua aposta em um financiamento educacional reduzido e direcionado para a utilidade comum se coaduna com a defesa do autocultivo como dinâmica essencialmente privada. No mesmo sentido, em Hayek, o equacionamento entre moral e mercado a partir do paradigma da espontaneidade nos permite observar uma confluência importante entre esse corolário de ideias e as discussões mais amplas que, nos anos 1950, amadureciam na sociedade americana, como o debate sobre o homeschooling e o anti-intelectualismo macarthista.<sup>32</sup>

A Mont Pèlerin Society, ademais, ganha força e permeabilidade institucional no momento em que se americaniza. Não apenas a composição de americanos aumenta em relação à de europeus mas, sobretudo, as teses defendidas, sobretudo do ponto de vista da crítica à universidade europeia (lida como uma espécie de trincheira do pensamento de esquerda ou, o que era entendido por eles de maneira sinônima, do pensamento *engajado*), permitem ao grupo liderado por Hayek um movimento ambíguo e politicamente poderoso: a partir de posições intelectuais, elaboram uma crítica aos intelectuais

---

31 The Mont Pèlerin Society and related networks of neoliberal partisan thinktanks can serve as a directory of organized neoliberalism because it is part of a rather novel structure of intellectual discourse. It has been designed to advance and integrate various types of specialized knowledge within and across the confines of philosophy, academic research in economics, history, sociology, and applied policy knowledge in its various forms” (2009, p. 5).

32 HOFSTADTER, R. *Anti-intellectualism in American life*. New York: Random House, 2012.

de sua época. Embora o movimento tenha sido profundamente hierarquizado e institucionalizado, ele se apresenta como espontâneo: tudo se passa como se os protagonistas individuais, embora profundamente integrados – tanto nos grupos de pesquisa e divulgação como a MPS, quanto na política e nos setores produtivos, aparecessem como azarões, outsiders, aptos a desafiar o “sistema” universitário. Gostaríamos de sugerir que o projeto que toma corpo na reunião da Mont Pèlerin, capitaneado por líderes como von Hayek, pode ser compreendido como uma tentativa de criar uma *Bildung* liberal que funcionaria como uma espécie de universidade paralela, abstraída dos compromissos intelectuais do pós-guerra que se fundamentam, sobretudo, no Estado de Bem Estar. Reivindicando um “novo modelo” de prática acadêmica, mais próximo das empresas do que das universidades, os membros da MPS conseguem, ao mesmo tempo, mobilizar uma ideia de “novidade” e superação da crise que eles mesmos diagnosticaram em 1947. Nos termos de Romo,

Para Hayek, o liberalismo deve, portanto, aprender com o socialismo que o valor da utopia tornou possível, a longo prazo, realizar o que parecia impossível. Nas palavras de Hayek: ‘A principal conclusão que o verdadeiro liberal deve tirar do sucesso dos socialistas é que foi a sua coragem em ser utópico que lhes conquistou o apoio dos intelectuais e, portanto, uma influência na opinião pública que está a tornar possível, todos os dias, o que até recentemente parecia impossível [...] Mais uma vez devemos fazer da construção de uma sociedade livre uma aventura intelectual, um ato de coragem. O que nos falta é uma utopia liberal, um programa que não pareça uma mera defesa das coisas como elas são, nem um socialismo diluído, mas antes um radicalismo verdadeiramente liberal que não evite as sensibilidades dos poderosos [...] que não seja demasiado prático e que não se limita ao que nos parece politicamente possível hoje.’<sup>33</sup>

---

33 Para Hayek, el liberalismo debe aprender del socialismo que el valor de la utopía permitió volver posible, a largo plazo, lo que parecía imposible. En palabras de Hayek: La principal conclusión que el verdadero liberal debe sacar del éxito de los socialistas es que fue su valor a la hora de ser utópicos lo que les granjeó el apoyo de los intelectuales y, por lo tanto, una influencia en la opinión pública que está haciendo posible todos los días lo que hasta hace poco parecía imposible [...] Una vez más debemos hacer de la construcción de una sociedad libre una aventura intelectual, un acto de valentía. Lo que nos falta es una utopía liberal, un programa que no parezca ni una mera defensa de las cosas como son ni un socialismo aguado, sino un radicalismo verdaderamente liberal que no evite las susceptibilidades de los poderosos [...] que no sea demasiado práctico y que no se limite a lo que hoy nos parece políticamente posible (Hayek, F., 1969: 190-191). ROMO, G. Los orígenes del neoliberalismo: del Coloquio Lippmann a la Sociedad del Mont-Pèlerin. *Journal of Economic Literature* (jel). *economía* vol. 15, núm. 43, enero-abril, 2018

Essa caracterização do grupo pode nos ajudar a compor um panorama dos fluxos e contrafluxos disciplinares e das dinâmicas de prestígio em jogo nessas reuniões intelectuais e nas alianças que se desenvolveram a partir delas. Contudo, é importante destacar que a pesquisa prosopográfica é apenas um dos caminhos metodológicos na composição deste cenário<sup>34</sup>. A partir de agora, passamos a um exame mais específico de alguma das obras canônicas da tradição que tomamos por objeto de análise. A intenção é observar, através dos argumentos desenvolvidos em algumas obras de Popper, Hayek, Mises e Friedman, de que maneira o projeto neoliberal se irmana a um projeto mais amplo de descredibilização da figura do “acadêmico tradicional” e de suas vinculações com a política.

## Debates e debatedores da *Mont Pelerin Society*

Através da análise prosopográfica, foi possível obter um panorama da composição fundadora da *Mont Pelerin Society*. Contudo, suas nacionalidades, áreas de formação e médias de produções textuais são informações necessárias mas não suficientes para delinear a hipótese que preside este artigo: a saber, as estratégias teóricas e institucionais que contribuíram para a transformação das teses da MPS em paradigma ao longo das décadas de 1950 e 1960. Tampouco é possível deduzir, da prosopografia, aqueles elementos que conectam a origem e a fisionomia institucional e social dos membros da MPS

---

34 Em primeiro lugar, como ressaltamos, há possibilidade de imprecisão nos dados, inclusive sobre o número de publicações e suas respectivas datas de publicação. Em segundo lugar, deveríamos localizar o início da produção intelectual do indivíduo para realizar o cálculo da média de publicações antes do ingresso na MPS em 1947, e para isso optamos por considerar a data de publicação mais antiga para identificar esse momento. No entanto, não seria possível desconsiderar o impacto da guerra na produção intelectual desses indivíduos no período, uma vez que possivelmente a média de intervalo de tempo entre publicações anteriores a 1947 é maior do que deveria em condições normais. Além disso, alguns indivíduos estudados morreram em idade avançada e é possível que já estivessem há muito sem produzir em virtude da idade e de outras condições de saúde. Portanto, provavelmente o intervalo entre publicações pós 1947 seria menor se fossemos capazes de identificar as particularidades dos indivíduos estudados. Tais questões devem acautelar o exame da hipótese da MPS ter impulsionado a trajetória intelectual de seus membros, mas tal pesquisa talvez ainda seja possível dentro de uma análise qualitativa mais ampla, que possa examinar os membros da MPS caso-a-caso, com ferramentas que permitam identificar não só as datas de publicação dos livros e artigos desses indivíduos, mas também suas traduções e reedições, especialmente após o prêmio nobel do Friedman em 1976.

e o debate mais abrangente sobre a hostilidade dirigida aos intelectuais acadêmicos do contexto da guerra fria. Por isso, neste momento do argumento, analisaremos quatro textos específicos de quatro autores que compuseram essa primeira geração de pensadores “neoliberais”. As escolhas das obras se devem a três critérios: a. a centralidade institucional variável dos quatro autores, b. a fortuna crítica de seus debates, tanto na universidade quanto fora dela e c. ao fato de que essas obras incidem especificamente sobre o tema da universidade e dos intelectuais.

Foram selecionados quatro autores membros da MPS: Friedrich Hayek (1899-1992), Ludwig von Mises (1881-1973), Karl Popper (1902-1994) e Milton Friedman (1912-2006). Esses membros são figuras importantes na consolidação do projeto da MPS. Hayek seu organizador, idealizador e primeiro presidente da sociedade; Von Mises uma figura de destaque desde a primeira reunião da MPS (além de ter sido uma das referências de Hayek e de parte dos economistas da época); Milton Friedman, o mais jovem entre os quatro, terceiro presidente da MPS e um dos maiores colaboradores para ganho de prestígio da sociedade após os anos 1970 e Karl Popper, dos quatro, o único não economista de formação, mas que possuía grande prestígio no meio acadêmico, especialmente na Filosofia, o que ajuda a destacar a polissemia das vinculações institucionais do coletivo.

Para fins de maior compreensão dos contrastes e aproximações entre os argumentos dos textos, propomos uma análise realizada em pares, efetuada em duas etapas. A lógica para organização dos pares parte de um pressuposto temático: inicialmente, analisaremos as obras de Hayek e Popper pela afinidade que ostentam em relação ao tema do totalitarismo e por sua proximidade contextual (obras escritas no contexto da Segunda Guerra). Em um segundo momento, partimos para uma reflexão sobre os textos de Friedman e Mises, irmanados por uma crítica mais direta ao sistema de ensino. Todos os quatro autores, vale mencionar, possuem uma extensa obra e está fora do alcance deste artigo analisa-las em conjunto.<sup>35</sup> Sendo assim, propomos uma análise em um recorte específico de leitura: de que maneira esses clássicos tematizam, explícita e implicitamente, uma crítica às universidades e à figura do acadêmico identificada com a política “de esquerda” no contexto do pós-guerra. Antes de adentrar a análise, consideramos relevante estabelecer um

---

35 Para uma análise panorâmica e mais aprofundada da obras desses autores, além dos próprios originais, é possível consultar HAYES, C. e MERQUIOR, J. G. Liberalismo antigo e moderno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

panorama geral sobre cada um desses autores, com a finalidade de localizá-los em seu contexto intelectual específico.

Friedrich Hayek (1899-1992), o responsável por organizar a primeira reunião da MPS, além de ser seu primeiro presidente, foi um economista e filósofo de origem austríaca com cidadania britânica, tido como um dos principais representantes da escola austríaca de pensamento econômico. Sofreu grande influência de von Mises e recebeu o prêmio Nobel de economia em 1974. Uma década depois, tornou-se membro da *Order of the Companions of Honor*, por indicação da Rainha Elizabeth II durante o governo Thatcher, além de ter recebido, em 1991, a US Presidential Medal of Freedom, pelo presidente estadunidense, George H. W. Bush. Karl Popper (1902-1994), por sua vez, é uma figura com grande reconhecimento em sua área de atuação, a filosofia, tendo cunhado o conceito de falseabilidade na década de 30, processo voltado para confrontar as teses e assim aprimorá-las, ou prová-las falsas. Também de origem judia, Popper teve que fugir da Áustria-Hungria, chegando em 1937 na Nova Zelândia, no qual lecionou até o fim da guerra. Mudou-se para Londres em 1946, onde estabeleceu sua vida, tendo sido nomeado cavaleiro da rainha Elizabeth II e membro da *Royal Society* em 1976, mesma década do Nobel de Friedman. Um fato curioso é sua breve afiliação ao partido comunista austríaco em 1919, de acordo com sua biografia, este é um dos motivos pelo qual Popper se alinhou ao liberalismo e buscou, ao longo da vida, aprimorar a crítica do comunismo proposto por Marx.

Milton Friedman (1912 - 2006) foi um economista estadunidense de origem judia. Ao longo de sua carreira, obteve prestígio em suas contribuições acadêmicas para a área da economia, o que se reflete em sua presença como conselheiro econômico de três presidentes estadunidenses. Friedman lecionou na Universidade de Chicago entre 1946 e 1976, e em 1972 foi agraciado pelo prêmio Nobel de economia. Sendo um dos mais renomados economistas a passar pela MPS, Friedman foi também presidente, na década de 60, contribuindo com a solidificação desse projeto. Ludwig von Mises (1881 - 1973) foi um economista nascido na Áustria, posteriormente conquistou a cidadania americana, se tornando professor universitário e influenciando toda uma geração de economistas, como o Hayek. É considerado um dos líderes da escola austríaca de economia e um fiel defensor do liberalismo. Fugiu da Áustria para a Suíça em 1934 em busca de segurança, devido a sua origem judia. Em seguida viajou para os Estados Unidos, onde se estabeleceu até seu falecimento em 1973. Um dos pontos altos da carreira de Mises pode ser considerado seu papel como consultor monetário da União Pan-Europeia.

Notamos, inicialmente, que as trajetórias foram marcadas, de modos distintos e em diferentes etapas, pelos efeitos da Guerra e da perseguição aos judeus. Esse é o contexto de elaboração das obras “O Caminho da Servidão” (Hayek, 1944) e “A sociedade aberta e seus inimigos” (Popper, 1945). A temática que aproxima as obras é precisamente a preocupação com o totalitarismo, mas há também importantes afinidades teóricas sobre a interpretação da história e sua relação com a ciência de modo amplo. A obra de Popper propõe um esforço de compreensão do fenômeno totalitário. Para isso, busca estabelecer uma inteligibilidade histórica entre o fenômeno da adesão totalitária e os filósofos Platão, Hegel e Marx. No argumento de Popper, o fio condutor entre esses autores, ressalvadas algumas diferenças contextuais, é a adesão a uma explicação historicista do processo social. Nos termos do autor, o historicismo é definido como “a doutrina de que a história é controlada por leis históricas ou evolucionárias específicas, cujo descobrimento nos capacitaria a profetizar o destino do homem” (22). Seria, nesse sentido, uma metafísica: um tipo de abordagem que não deveria ser patrocinada ou aceita por cientistas sérios e comprometidos com o papel da agência dos indivíduos nos rumos da vida social. Ao longo da extensa obra, Popper analisa histórica e filosoficamente o que ele qualifica como vícios intelectuais daqueles que se filiam a essas tendências que ele interpreta como falaciosamente preditivas. Esses intelectuais, muitas vezes auto-posicionados como guardiões de uma concepção platônica de “república dos letrados”, acabariam se tornando, a uma só vez, elitistas e proselitistas. Apesar de que o livro não tenha tido, mesmo na ocasião de sua publicação, recepção favorável ou crítica interessada por parte dos historiadores, é fato que ele ajudou a consolidar e sintetizar algumas das reflexões que unificam a posição dos liberais da Mont Pèlerin Society diante de temas como a história, a agência humana e o papel das ciências em uma sociedade racional. Essas dimensões estão presentes quanto ele discute o impacto da adesão dos intelectuais alinhados à Hegel e Marx no imaginário das “sociedades fechadas”:

Todo o problema de educar o homem a uma sábia avaliação de sua própria importância em relação à dos outros indivíduos é inteiramente obscurecido por essa ética da fama e do destino, por uma moralidade que perpetua um sistema educacional ainda baseado nos clássicos, com sua visão romântica da história do poder e sua romântica mentalidade tribal que remonta à Heráclito; sistema que tem sua base final na adoração do poder.<sup>36</sup>

---

36 POPPER, K. *A sociedade aberta e seus inimigos*. Vols 1 e 2. Ed. APGIQ, 2006, p. 284.

Conforme mencionado anteriormente, a obra mais popular de Von Hayek (*O caminho à servidão*, de 1944), que analisaremos brevemente neste momento, compartilha do diagnóstico de Popper, embora o faça com termos menos eruditos e, em certo sentido, menos historiográficos. O ponto central do argumento de Hayek é a associação entre socialismo e totalitarismo, elaborada a partir da ideia de que os intelectuais socialistas - título que o autor confere a uma vasta gama de personagens historicamente desvinculados da militância propriamente dita - recairiam na adesão totalitária ao negar que a irracionalidade é um atributo mormente coletivo do que individual. O tom “profético” do historiador e do cientista social é, assim como na obra de Popper, fortemente criticado.

Uma diferença importante entre as duas obras é que a escrita por Hayek é mais abertamente política e combativa. Sua crítica aos coletivismos está diretamente relacionada ao estado das relações internacionais europeias no contexto da Guerra. No prefácio à edição de 1947, inclusive, comentando a recepção de seu livro, Hayek afirma que o livro triunfou pelos acontecimentos, antes de que por suas teses. Seu diagnóstico, partilhado por parte expressiva dos membros da Mont Pèlerin Society em 1947, passa por responsabilizar os intelectuais engajados em causas progressistas pelo estado de destruição moral e cultural da vida social no pós-guerra. De forma genérica mas fortemente impactante para os debates da época, Hayek formula uma das insígnias do que seria, ano após ano, a linha mestra do debate neoliberal sobre as universidades e os intelectuais engajados que nela proliferavam. Em certo ponto o próprio Hayek reconhece a permeabilidade de suas propostas no imaginário: “tornou-se quase um lugar-comum afirmar que fascismo e comunismo são meras variantes do mesmo totalitarismo que o controle centralizado da atividade econômica tende a produzir – afirmação que a muitos se afigurava quase sacrílega há doze anos<sup>37</sup>.”

Os diferentes “gêneros” do coletivismo, como fascismo e comunismo, diferem, nessa concepção, no objetivo, não no método. Se não se pode considerar uma ideia de “bem comum” que englobe a todos, tampouco seria possível reivindicar qualquer código moral já que “salientaremos apenas que até agora o progresso da civilização tem sido acompanhado por uma constante limitação da esfera em que os atos individuais se acham sujeitos a regras fixas. As normas que constituem o nosso código moral comum têm-se tornado cada

---

37 HAYEK, F. *O caminho à servidão*. Instituto Ludwig von Mises. São Paulo, 2010, p. 14.

vez menos numerosas e de caráter mais geral”<sup>38</sup>. Nesse sentido, a posição preditiva, prescritiva e vanguardista dos intelectuais seria, mais do que desnecessária, prejudicial: se colocaria como um elemento de distorção, uma artificialidade em relação ao desenvolvimento racional que se operaria sempre no interior das consciências individuais. Esse raciocínio, dirigido inicialmente à crítica da postura dirigista de parte dos intelectuais do pós-guerra, seria posteriormente alçado à nó górdio do debate neoliberal sobre a moralidade. Essa questão foi analisada, por exemplo, por Wendy Brown:

Para Hayek, os mercados e a moral, juntos, são a base da liberdade, da ordem e do desenvolvimento da civilização. Ambos são organizados espontaneamente e transmitidos através da tradição, e não do poder político. Os mercados só podem realizar o seu trabalho se os Estados forem impedidos de os invadir ou de intervir. A moral tradicional só pode cumprir o seu papel quando os Estados são igualmente impedidos de intervir neste domínio e quando a expansão do que Hayek chamou de “esfera pessoal e protegida” dá à moralidade mais poder, latitude e legitimidade do que as democracias sociais seculares e racionais permitem.<sup>39</sup>

Em contraste com os textos de Hayek e Popper, as obras de von Mises e Milton Friedman não são “escritos de guerra”, mas repercutem e, em certo sentido, amadurecem debates presentes nessa primeira geração. A obra *The Anti-Capitalistic Mentality*, publicada em 1956, conecta-se formalmente com a crítica politizada e aberta que Hayek apresenta sobre os intelectuais “proféticos”, mas destaca-se por seu ainda mais beligerante em relação aos acadêmicos, sobretudo aqueles de ciências humanas: sua proposta é nada menos que atribuir à uma espécie de ressentimento as críticas que costumam frutificar em meios letrados em relação ao sistema capitalista.

Inicialmente, é preciso notar que toda a lógica por detrás da figura caricata que Mises constrói do intelectual tem como alicerce a valorização monetária

---

38 HAYEK, F. *O caminho à servidão...* Op. Cit., p. 79.

39 For Hayek, markets and morals together are the foundation of freedom, order, and the development of civilization. Both are organized spontaneously and transmitted through tradition, rather than political power. Markets can do their work only if states are prevented from encroaching on or intervening in them. Traditional morals can do theirs only when states are likewise restrained from intervening in that domain and when expanding what Hayek calls the “personal, protected sphere” gives morality more power, latitude, and legitimacy than rational, secular social democracies otherwise permit. (Brown, 2018, p. 12)

do trabalho e sua lógica de “democracia do mercado”. Seu argumento então volta-se à adjetivação e construção pejorativa do intelectual, descrevendo-o, de modo geral, como um indivíduo (ou em outros momentos, um coletivo) ressentido por não receber, dentro daquela estrutura de mercado, o valor que ele crê que deva receber. Diante disso, surgiria um sentimento de inveja de seus pares que conquistaram algum tipo de reconhecimento, posição de insatisfação que estaria na base de seu posicionamento anticapitalista<sup>40</sup>. O ressentimento pela ausência de valor social de seu trabalho é agravada, para Mises, no caso americano, território do homem prático por excelência. Diferentemente da Europa, espaço no qual os intelectuais “parasitas” podem ser “mimados”, para usar seus termos, os Estados Unidos encarnaram uma mentalidade mais prática e, por isso, menos condescendente com seus membros improdutivos.

A filosofia social do homem comum, conclui Mises, soberana em termos morais, tem uma tendência - percebida como fraqueza - a adotar “metafísicas” como o marxismo. A imputação de “carência de ciência” ao marxismo é um ponto que aproxima o argumento de Mises daquele desenvolvido por Hayek: o de que a economia liberal seria não apenas teoricamente mas também disciplinarmente soberana em relação às demais, na medida em que seria a única a trabalhar no território exclusivo da razão. Essa abordagem disciplinar, também notada por Mirowski<sup>41</sup>, aparecerá também em Friedman. Antes disso, porém, vale mencionar o tom áspero das críticas de Mises, a ponto de que seus próprios correligionários tenham, no contexto da publicação da obra, reiterado algumas dúvidas e críticas sobre a verborragia do austríaco.

Em diálogo direto com algumas das teses de Mises, mas a partir de posição institucionalmente distante, podemos localizar aquele que, talvez, seja o porta voz mais consagrado da corrente intelectual que analisamos, o economista Milton Friedman. Este autor ficou bastante conhecido, no Brasil e alhures, por inspirar políticas educacionais baseadas na concessão de “vouchers”. Essa proposta encontra-se fragmentada em diversos trechos de sua obra, mas comentaremos brevemente o argumento tal como se apresenta em *Capitalism and Freedom*, em capítulo intitulado “*The Role of Government in Education*”, publicado em 1962. O texto parte de um diagnóstico da centrali-

---

40 MISES, Ludwig Von. *The anti capitalistic mentality*. Pensilvânia: Libertarian, 1972

41 MIROWSKI, P. *Nunca dejes que una crisis te gane la partida*. Barcelona: Ediciones Deusto, 2014

dade da educação na vida social e, ao mesmo tempo, do inchaço desnecessário da máquina pública que o subsídio estatal sem critérios vinha causando, em sua análise, nos Estados Unidos daquele contexto. A importância da educação, para o economista, é fornecer uma base mínima de convivência e partilha do senso comum, em seus termos, um “efeito de vizinhança” positivo. Contudo, alerta Friedman, a garantia desse efeito não deve ser feita a partir de subsídios irrestritos: eles deveriam ocorrer pontualmente, apenas quando a família realmente não tem condições materiais. Essa carência estimularia, por um lado, a luta da família por melhores condições de vida escolar e, por outro, a concorrência das próprias instituições de ensino para se adequarem aos valores morais de determinadas comunidades. Essa alusão de Friedman às escolhas familiares está conectada, vale mencionar, com um amplo debate que circula nos Estados Unidos dos anos 1960 sobre o *homeschool*, querela na qual se envolvem distintas posições políticas irmanadas pela definição de que o sistema de ensino seria uma perniciosa “uniformização moral” das crianças e adolescentes.<sup>42</sup>

No que diz respeito ao Ensino Superior, a política de restrição de subsídios teria ainda uma vantagem pragmática: ajudaria a alinhar as expectativas comunitárias com o tipo de curso a ser financiado pelo Estado. Friedman acredita que essas decisões devem partir da comunidade que vai avaliar e depositar seu dinheiro na escola com o melhor projeto de educação (uma espécie de uso prático da “democracia de mercado” de Mises). Essa lógica da comunidade definir o que deve ou não subsidiar enquadra-se em outros níveis de escolaridade, ou seja, sobre quais áreas do conhecimento devem ser subsidiadas no ensino médio e no ensino superior. O argumento da utilidade (e da inutilidade) de determinadas áreas do saber, já explorado por Mises na análise precedente, aparece aqui de maneira clara:

Subsidiar a formação de veterinários, esteticistas, dentistas e uma série de outros especialistas, como é amplamente feito nos Estados Unidos em instituições educacionais apoiadas pelo governo, não pode ser justificado pelos mesmos motivos que subsidiar escolas primárias ou, em nível superior, faculdades de artes liberais (Friedman, 1982, p. 77).<sup>43</sup>

---

42 Sobre esse aspecto, é possível consultar GAITHER, M. *Homeschool. An american history*. Palgrave ed. Pensilvania, 2017.

43 Subsidizing the training of veterinarians, beauticians, dentists, and a host of other specialists, as is widely done in the United States in governmentally supported educational institutions, cannot be justified on the same grounds as subsidizing elementary schools or, at a higher level, liberal arts colleges (Friedman, 1982, p. 77)

Sinteticamente, no argumento de Friedman, o indivíduo deve ser um fiador de si mesmo: isso serviria para quaisquer profissões, não devendo ser reservada aos docentes, especialmente de ciências humanas, nenhum tipo de regalia específica.

Em suma, a análise pontual desses quatro textos nos ajuda a costurar algumas hipóteses sobre a relação entre a consolidação da rede de liberais no pós-guerra e a sedimentação de um discurso crítico à universidade em seu formato clássico, sobretudo aquela subsidiada pelo Estado. Essas obras transcenderam seu escopo inicial de debates, e passaram por um processo de consagração nas décadas seguintes. Sugerimos que, a partir do momento que esses “discursos de barricada” encontram no universo dos *Think Tanks* americanos um espaço de convergência, esse projeto intelectual específico, pensado inicialmente nas montanhas suíças, contribui para o adensamento de uma imagem caricatural do acadêmico e de seu papel social. Nesse sentido, para usar os termos de Herman Paul<sup>44</sup>, tudo se passa como se essas obras, em conjunto com a atividade profissional e econômica desses sujeitos (analisadas na primeira parte deste artigo), contribuísse para delinear uma *persona*, um *ethos* específico para atividade intelectual, orientada sobretudo pela negação da figura clássica do acadêmico e de seus discursos. Evidentemente, Mises, Popper, Hayek e Friedman não instauram ou inauguram a crítica à universidade no pós-guerra<sup>45</sup>, mas certamente podem ser considerados agentes de primeira grandeza nesse amplo processo de descredibilização que, em 2023, parece ainda não ter encontrado seu fim.

## Considerações finais

Este artigo apresentou alguns observatórios a partir dos quais a dinâmica de espraiamento das ideias neoliberais no pós-guerra pode ser compreendida. Os estudos historiográficos dedicados a esse tema, todavia, não se esgotam na descrição das ideias do movimento, mas se relacionam também com outras dimensões, institucionais e discursivas, do projeto neoliberal. Tais desdobramentos têm sido pensados, por exemplo, por estudiosos dedicados ao

---

44 PAUL, H. What Is a Scholarly Persona? Ten Theses on Virtues, Skills, and Desires. *History and Theory* 53 (October 2014), 348-371.

45 Sobre isso, é possível consultar: TEDESCO, A. D. F. As vantagens de ser um outsider: uma reflexão sobre a dinâmica do campo intelectual do pós-Guerra a partir de Norbert Elias. *Revista MARACANAN*, p. 84-102, 2023.

impacto da hegemonia neoliberal na universidade<sup>46</sup>, e por analistas dedicados às intersecções entre o conceito neoliberal de ação individual e seus impactos na dinâmica mais ampla da perda de vínculos comunitários<sup>47</sup>. O objeto deste artigo, como apontado inicialmente, foi mais modesto, e pretendeu se somar a esse esforço amplo de entendimento: buscamos reconstruir alguns caminhos através dos quais podemos observar o amadurecimento do projeto neoliberal gestado nos Congressos do pós-guerra para, através desse mapeamento, nos somarmos à um esforço de compreensão da força mobilizadora desse projeto.

As hipóteses levantadas por este artigo e o posterior encaminhamento documental que o ampara nos permitiram posicionar o debate teórico feito pela Mont Pèlerin Society em um panorama mais amplo de descrédito da própria universidade nos anos 1950 e 1960. Conforme destacam Steven Shapin<sup>48</sup> e Peter Weingart<sup>49</sup>, o contexto do pós-guerra foi marcado por um processo de mão dupla: por um lado, a cientifização da política, garantida pelo enorme afluxo de pesquisadores das universidades em direção às políticas de Estado - sobretudo nos EUA, parecia, de alguma maneira “profissionalizar” os embates políticos da guerra fria. Por outro lado, contudo, esse mesmo processo desencadeia uma politização da ciência, de modo que a própria imagem do acadêmico passa a ser compreendida, publicamente, como um agente político, sendo cobrada, portanto, nesses termos. As críticas públicas aos acadêmicos diante das implicações éticas da pesquisa nos anos 1950 e 1960 se somam, como quisemos demonstrar, ao crescimento de novos modelos de identificação intelectual, como os *think tanks* (Onofre, 2016). Nesse sentido, os intelectuais da Mont Pèlerin não estão sozinhos nesse debate. Notamos, todavia, que se o diagnóstico da crise dos intelectuais é bastante popular nos

---

46 Sobre este tema é possível consultar BARCAN, R. *Academic Life and Labour in the New University. Hope and Other Choices*. Routledge, 2016; BURROWS, R. *Living with the h-index? Metric assemblages in the contemporary academy*. *The Sociological Review*, 2012, vol. 60, p. 355-372 e SPARKERS, A. *Embodiment, academics, and the audit culture: a story seeking consideration*. *Qualitative Research* 7(4). 2017. Toronto, p. 521-550.

47 SENNETT, R. *A cultura do novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

48 SHAPIN, S. *Discipline and bounding: the history and sociology of science as seen through the externalism-internalism debate*. *Hist. Sci.*, xxx (1992).

49 WEINGART, P. *The Scientific Power Elite - a Chimera; The Deinstitutionalization and Politicization of Science*. In.: ELIAS, N.; MARTINS, E.; WHITLEY, R. (orgs.). *Scientific Establishments and Hierarchies*. Dordrecht: D. Rieder, 1982.

anos 1950 e 1960<sup>50</sup>, a solução imaginada na Suíça e logo posta em prática por Hayek e seus correligionários é, por sua vez, bastante específica: assim como o neoliberalismo não se propunha a destruir o Estado, mas a instrumentalizá-lo a partir das necessidades do mercado, também não se propunha a destruir a universidade, mas a reformá-la de modo a adequar seus quadros e suas dinâmicas disciplinares às necessidades que o mundo moldado à imagem e semelhança das relações de mercado requer. Pierre Bourdieu, ele próprio um estudioso das tensões que a autonomia variável do campo acadêmico engendra, sintetizou, no famoso ensaio *Contrafogos*, essa capacidade de auto-realização da profecia liberal:

Como na velha metáfora teológica, em que, numa extremidade se tem Deus, e depois vai-se até as realidades mais humildes, por uma série de elos. Na nebulosa neoliberal, no lugar de Deus, no topo, há um matemático, e abaixo, há um ideólogo da revista *Esprit*, que não sabe grande coisa de economia, mas que pode dar a impressão de que sabe um pouco, graças a um pequeno verniz de vocabulário técnico.<sup>51</sup>

O discurso da espontaneidade da Mont Pèlerin Society - em cujos documentos, diversas vezes, vemos sublinhada a tese de que não se trata de uma organização com fins políticos - foi fundamental, em síntese, para que o grupo construísse a universidade e seus professores como anátoma: enquanto os primeiros advogam a posição de outsiders, moralmente superiores e profundamente desinteressados, os insiders à universidade eram descritos como parasitas, cooptados e politicamente implicados. O caráter auto-realizante de sua profecia (ou de sua utopia, como queria Hayek), ajuda a dimensionar a permeabilidade desse discurso na atualidade: quando observamos as críticas contemporâneas à universidade nas últimas décadas, sobretudo a partir da implantação do *New Public Management*<sup>52</sup> podemos constatar em que medida

---

50 Neil Gross destaca, em consonância com nossa análise, que a crítica ao discurso professoral nos Estados Unidos, sobretudo no contexto do pós-guerra, é parte estruturante da identidade da direita americana. Em seus termos, “os críticos da academia servem a um propósito retórico do conservadorismo. Ao enfrentarem professores liberais, eles fornecem munição para uma batalha maior e, em última análise, muito mais importante contra as “elites liberais”. Esta batalha foi crucial para o sucesso do conservadorismo na era pós-Segunda Guerra Mundial”

51 BOURDIEU, Pierre. *Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 44)

52 Sobre o *New Public Management* aplicado à gestão do ensino superior nas últimas décadas, é possível consultar: BARCAN, R. *Academic Life and Labour in the New University. Hope and Other Choices*. Routledge, 2016 e DONOGHUE, F. *The Last Professors. The*

o projeto da Mont Pèlerin frutificou e consolidou-se no imaginário público. Esse discurso permite, inclusive, compreender a recente voga de intelectuais “alternativos”, entendidos como mais “puros” porque distantes das querelas políticas da universidade e também mais próximos de Think Tanks e de instituições privadas, entendidas como depuradoras da politização de esquerda que esses atores atribuem à universidade. Entender as origens das críticas que se faz à universidade é fundamental, como este artigo procurou demonstrar, para que possamos mensurar a força de um discurso que, nos termos de Bourdieu (2000), dispõe de condições para criar o mundo que sustenta e, assim, tornar-se empiricamente verificável.

## Referências bibliográficas

AUDIER, Serge. *Néo-libéralisme(s). Une archéologie intellectuelle* », Lectures [En ligne], Les comptes rendus, mis en ligne le 25 juin 2012.

BARCAN, R. *Academic Life and Labour in the New University. Hope and Other Choices*. Routledge, 2016.

BOLTANSKI, L. CHIAPELLO, E. *The new spirit of capitalism*. London , Verso, 2005

BOURDIEU, Pierre. *Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998

BOURDIEU, P. *The state nobility. Elite Schools in the field of power*. Cambridge. Polity Press, 1996.

BOURDIEU, P. *Les structures sociales de l'économie* Paris: Éditions du Seuil, 2000

BOURDIEU, P. *Homo Academicus*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2008

BROWN, W. *In the Ruins of Neoliberalism*. WELLEK LIBRARY LECTURES, 2018.

---

Twilight of the Humanities in the Corporate University. fordham university press. New York, 2008.

- BURROWS, R. *Living with the h-index? Metric assemblages in the contemporary academy*. The Sociological Review, 2012, vol. 60, p. 355-372.
- CAHILL, D. COOPER, M. KONINGS, M. PRIMROSE, D. *Handbook of neoliberalism*. Sage Reference, 2018.
- CHARTIER, Roger. *O Mundo Como Representação*. Estudos Avançados 11(5), 1991.
- COLEMAN, P. *The liberal conspiracy: the Congress for Cultural Freedom and the struggle for the mind of postwar Europe*. The Free Press, 1989.
- COLLINI, S. *Speaking of Universities*. London: Verso, 2017.
- DARDOT, P. LAVAL, C. *A nova razão do mundo*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DENORD, F. Le prophète, le pèlerin et le missionnaire. La circulation internationale du néo-libéralisme et ses acteurs. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*. 2002/5 (n°145), pages 9 à 20. Ed. le Seuil.
- DEWULF, G. SIMONS, M. *Positivism in Action: The Case of Louis Rougier*. HOPOS: The Journal of the International Society for the History of Philosophy of Science; Volume 11, Number 2. 2020.
- DONOGHUE, F. *The Last Professors. The Twilight of the Humanities in the Corporate University*. New York: Fordham University Press, 2008.
- FRIEDMAN, M. *Capitalism and Freedom*. The University of Chicago Press, 1982.
- GAITHER, M. *Homeschool. An american history*. Pensilvania: Palgrave, 2017.
- GROSS, Neil. *Why Are Professors Liberal and Why Do Conservatives Care?* by the President and Fellows of Harvard College, 2013.
- HAYEK, F. *O caminho à servidão*. Instituto Ludwig von Mises. São Paulo, 2010.
- HAYES, C. *Popper, Hayek and the Open Society*. Routledge. New York, 2009
- HOFSTADTER, R. *Anti-intellectualism in American life*. New York: Random House, 2012.

- ITO, L. SECCHI, L. *Think tanks e universidades no Brasil: Análise das relações na política de conhecimento em política pública*. Revista do IPEA. Planejamento e políticas públicas | ppp | n. 46 | jan./jun. 2016.
- LIPPMAN, W. *La Cité Libre*. bibliothèque classique de la Liberté. transaction Publishers, 2005.
- LORENZ, C. *If You're So Smart, Why Are You under Surveillance? Universities, Neoliberalism, and New Public Management*. *Critical Inquiry*, Vol. 38, No. 3 (Spring 2012), pp. 599-629.
- MERQUIOR, J. G. *Liberalismo antigo e moderno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991
- MIROWSKI, P. PLEHWE, D. *The road from Mont Pèlerin: The making of the neoliberal thought collective*. Harvard University Press, 2009.
- MIROWSKI, P.. *Nunca dejes que una crisis te gane la partida*. Barcelona: Ediciones Deusto, 2014
- MISES, Ludwig Von. *The anti capitalistic mentality*. Pensilvânia: Libertarian, 1972
- ONOFRE, G. *O papel dos intelectuais e Think Tanks na propagação do liberalismo econômico na segunda metade do século XX*. Programa de Pós Graduação em História da UFF. Niterói, 2018.
- PAUL, H. *What Is a Scholarly Persona? Ten Theses on Virtues, Skills, and Desires*. *History and Theory* 53 (October 2014), 348-371.
- PAUL, H. *Performing History: How Historical Scholarship is Shaped by Epistemic Virtues*. *History and Theory* 50 (February 2011), 1-19, 2011.
- POPPER, K. *A sociedade aberta e seus inimigos*. Vols 1 e 2. Ed. APGIQ, 2006.
- REISCH, G. *How the Cold War Transformed Philosophy of Science To the Icy Slopes of Logic*. Cambridge University Press, 2005.
- ROMIZI, Donata. 2012. 'The Vienna Circle's "Scientific World-Conception": Philosophy of Science in the Political Arena'. *HOPOS: The Journal of the International Society for the History of Philosophy of Science* 2 (2): 205-42.
- ROMO, G. *Los orígenes del neoliberalismo: del Coloquio Lippmann a la Sociedad del Mont-Pèlerin*. *Journal of Economic Literature* (jel). *economíaunam* vol. 15, núm. 43, enero-abril, 2018.

- ROUGIER, L. *Les Mystiques Economiques*. De Médicis Paris 1938.
- SENNETT, R. *A cultura do novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2006
- SHAPIN, S. *Discipline and bounding: the history and sociology of science as seen through the externalism-internalism debate*. *Hist. Sci.*, xxx (1992).
- SPARKERS, A. *Embodiment, academics, and the audit culture: a story seeking consideration*. *Qualitative Research* 7(4). 2017. Toronto, p. 521-550.
- STONE, L. *Prosopografia*. *Rev. Sociol. Polit.* 19 (39) • Jun 2011
- TEDESCO, A. D. F.; *As vantagens de ser um outsider: uma reflexão sobre a dinâmica do campo intelectual do pós-Guerra a partir de Norbert Elias*. *Revista MARACANAN*, p. 84-102, 2023.
- TEDESCO, A. D. F. *A filosofia da história entre a política e as virtudes epistêmicas: o caso de Louis Rougier*. *ÉTICA E FILOSOFIA POLÍTICA*, v. 1, p. 29-50, 2023.
- WEINGART, P. *The Scientific Power Elite - a Chimera; The Deinstitutionalization and Politicization of Science* In.: ELIAS, N.; MARTINS, E.; WHITLEY, R. (orgs.). *Scientific Establishments and Hierarchies*. Dordrecht: D. Rieder, 1982.
- WILLIAMS, R. *A fração Bloomsbury*. *Revista Plural. Sociologia, USP*, 6: 139-168, 1 sem, 1999

Recebido em 11 de março de 2024  
Aprovado em 15 de julho de 2024